

OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA EJA: A ESCRITA COMO NORTE PARA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Helga Ticiano de Barros Maciel (UEMS)

helgaticiana.barrosmaciel@gmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

A produção textual da EJA tem características próprias, dado a heterogeneidade dos educandos, tanto pela a faixa etária e a classe social, quanto ao tempo decorrido de retorno aos estudos. Como professora de uma turma da Rede Municipal de Campo Grande-MS foi possível perceber que os alunos têm dificuldades em escrever seus textos e utilizar operadores argumentativos pontuais. O presente estudo objetiva destacar preceitos e percepções destes alunos e seus escritos, ou seja, a produção textual, baseando-se nas considerações de Geraldini (2005), Koch & Elias (2007), Marcuschi (2003). Utilizando uma sequência didática para escrita de texto dissertativo-argumentativo, obtivemos algumas práticas exitosas referentes ao uso de alguns operadores argumentativos de forma sistemática, em uma turma da EJA. Ressalta-se que a relevância deste trabalho, uma vez que sugerimos outras formas de pensar a produção textual na EJA. Com esta pesquisa, buscamos contribuir para o ensino de produção textual na EJA.

Palavras-chave:

EJA. Sociedade. Operadores argumentativos. Produção textual.

1. Introdução: a gênese do assunto.

A língua é produzida socialmente, verdade esta que nos traz em seu bojo a priori o texto como fruto dessa produção. O texto começa a configurar-se verbalmente e toma corpo ao ser transcrito ao papel. Esta forma escrita reproduz o que falante pensa e carrega nas suas “escritas” o valor e vivência de cada escritor.

“O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para professores” (GERALDINI, 2011, p. 64). A tão temida e não esperada produção textual, não motiva alunos, pois tem em seu bojo, arraigado, concepções estereotipadas e enfadonhas, sem valor ao aluno. Na concepção dos alunos, a produção escrita nunca será lida pelo referido professor, não faz sentido a vida do educando.

O presente artigo fará um pequeno panorama sobre distinção de texto, gênero textual nos preceitos de Koch, Marcuschi, Geraldi e outros teóricos que versam sobre a temática. O primeiro capítulo contextualiza a Rede Municipal de Educação de Campo Grande-MS, Educação de Jovens e Adultos; o segundo discorrerá sobre distinção de texto e gênero textual. O terceiro abordará questões relacionadas ao tipo dissertativo-argumentativo; o capítulo seguinte explicará a sequência didática detalhadamente, fruto da nossa pesquisa, aplicada em turma da EJA da Rede Municipal de educação e por fim as considerações finais.

A abordagem do artigo não estanca todas as questões relacionadas a produção escrita dos estudantes, esta sempre foi temida por estudantes, para escrever é preciso motivá-los e fazer que a escrita tenha sentido na vida destes. Este artigo é uma proposta/sugestão para ensinar a produção textual de maneira diferenciada na sala de aula.

O estudo é uma tentativa de possibilitar uma visão panorâmica da sequência didática como um todo na aula, ampliando as formas de pensar a aula de produção textual e mostrar a relevância da escrita; seu “status” na sociedade. E, por meio desta, as possibilidades de inserção no mercado de trabalho em uma seletiva escrita e, também, nos grandes certames, tais como, ENCCEJA, ENEM e outros que podem surgir ao longo da trajetória dos estudantes.

2. Contextualização: Rede Municipal, EJA e turma.

A Rede Municipal de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul é composta, da Educação Infantil, do Ensino Regular (1º ao 9º anos) e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) doravante EJA. As aulas da EJA são ofertadas no período noturno em algumas escolas que compõem a Rede Municipal de Educação-Reme-Campo Grande.

A EJA divide-se em Fase Inicial I e II (anos da Alfabetização), Fase Intermediária (6º e 7º anos) e Fase Final (8º e 9º anos). A turma da Fase Intermediária tem em sua grade curricular 4 aulas de Língua Portuguesa, a Fase Final possui 3 aulas de Língua Portuguesa.

O artigo trata das aulas de produção escrita na Fase Final da EJA, estas aconteceram em uma sequência didática dialogada com os educandos seguindo os passos para uma melhor aprendizagem na referida disciplina.

A produção textual na EJA ganham “status” e importância aos educandos fazendo sentido a eles, para vida, e, principalmente, trazendo a realidade como forma de ensino. Esta que passará nos grandes certames.

3. Caracterização: texto, tipologia textual e gênero textual.

A noção de texto está associada à percepção que é concebida de várias formas. Conforme Koch (2000, p. 25) um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 62) “todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados”. Ao falarmos ou escrevermos estamos produzindo um gênero textual, pois os gêneros são altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Sendo assim, para melhor compreensão, é fundamental distinguir gêneros e tipos textuais, pois os gêneros textuais estão relacionados a alguma ação sócio comunicativa. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras de gêneros, ancorados em outros gêneros já existentes.

Dessa forma, Marcuschi (2003, p. 22) nos lega que “usamos a expressão tipo textual para designar um a espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)”. Por outro lado, usamos a expressão gênero textual para nos referirmos aos textos que encontramos nas situações diárias, que apresentam características sócio comunicativas para cumprir/suprir necessidades funcionais da comunicação.

Os tipos textuais são categorizados em: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção; constituindo sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos, abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas. Vale ressaltar que não deve confundir texto e discurso como se tivessem o mesmo significado; pois texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva, portanto o discurso se realiza nos textos.

Para Marcuschi (2003, p. 21), “os gêneros textuais são realizações concretas definidas por propriedades sócio comunicativas”. E abrange um conjunto ilimitado de designações concretas como, por exemplo, carta eletrônica, carta pessoal, receita, dentre outros e os mesmos são tentaculares.

O referido autor, ainda, assevera que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, bem como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto; então, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. A língua é vista como atividade social, histórica e cognitiva, privilegiando a funcionalidade e a interatividade e não o aspecto formal e estrutural da mesma.

Por outro lado, quando se nomeia um certo texto como ‘narrativo’, ‘descritivo’ ou ‘argumentativo’, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base. A sequência de base são as características básicas dos tipos textuais definidas por seus traços linguísticos predominantes.

4. *Texto dissertativo-argumentativo: definição e concepção*

Conforme Bazerman (2007, p. 156) “a interação social da escrita tipicamente ocorre, através do tempo e do espaço, com os participantes e seus contextos imaginariamente evocados e projetados por indivíduos”. Nesta projeção o aluno retoma conhecimentos prévios, acrescentam outros e constitui-se texto para enunciar, para falar e agir por meio da escrita.

O texto precisa fazer um trabalho extraordinário, dentro de conjuntos de entendimentos sociais, para criar a co-orientação e para apoiar a atividade. Sendo assim, o sujeito é constituído a partir da linguagem integrando a percepção, a intuição, a memória e a socialização no espaço destinado ao estudo.

Para Passareli (2004, p. 20), o texto dissertativo-argumentativo caracteriza-se por ser temático, por não tratar de episódios ou seres concretos e particularizados, mas de explicações e interpretações genéricas que se tornam válidas para muitos casos concretos e particulares. As referências a casos concretos e particulares, ou seja, a presença de sequências descritivas ou narrativas se dá para ilustrar afirmações gerais ou para argumentar a favor delas ou contra elas. Em princípio, não existe uma progressão temporal entre os enunciados, embora guardem entre si relações de natureza lógica, isto é, relações de implicação (causa e efeito; um fato e sua condição; uma

premissa e uma conclusão etc.)

5. Sequência didática: um novo olhar

Na escola é consensual o ensino de produção textual na sala de aula nas aulas de Língua Portuguesa, nesta que o aluno experimenta a argumentação, o expor seu ponto de vista. É muito relevante e importante que a produção faça sentido ao aluno. A sequência didática seguiu os seguintes passos: 1ª parte: Explicação do texto dissertativo-argumentativo para turma por meio de material impresso e fala dirigida; 2ª parte: Produção dos alunos; 3ª parte: Devolutiva aos alunos, após verificação do uso de operadores argumentativos. Observa-se o uso frequente de alguns operadores; 4ª parte: Explicação de Tipos de operadores argumentativos e os alunos com seus textos vão analisando junto com o professor.

Antes de chegarmos a 5ª parte, recortamos alguns principais operadores argumentativos trabalhados em sala. Tais como, operadores que introduzem argumentos que somam a outro, para chegar a uma mesma conclusão: e, nem, além disso...

Operadores que introduzem enunciados que exprimem conclusão do que foi dito anteriormente: então, logo, conseqüentemente...

Operadores que introduzem argumentos que se contrapõem a outro visando uma conclusão contrária: mas, embora, ainda que, apesar de...

Operadores que introduzem argumentos alternativos: ou, seja... seja...

Operadores que estabelecem comparação: mais que, menos que, como...

Operadores que visam esclarecer enunciado anterior: isto é, ou seja, emoutras palavras....

Operadores que indicam argumento mais forte em enumeração: até, até mesmo...

Por fim a 5ª parte: Reescrita da produção corrigida pelo professor, distinção do operador “mas” usado frequentemente e erroneamente: mas x mais, no qual o professor explica a diferença de “mas” (conjunção adversativa) e “mais” (advérbio de intensidade). E, ainda, a 6ª parte: Entrega da

produção novamente ao professor e por fim a mudança de olhada produção textual.

Os operadores usados com muita frequência e indistintamente são “mas”, “pois”, “porque” e estes muitas vezes não se referem corretamente ao enunciado anterior e não faz ligação dialógica e coerente com o que se queria dizer e significar.

Neste ponto, o professor trabalha de forma dialogada a interação, a relevância da produção textual, o fazer gostar de escrever. E faz as intervenções necessárias para uso correto de alguns operadores argumentativos dentro do texto.

6. Considerações Finais

Esta seção tem por objetivo resgatar a experiência com a sequência didática, bem como o objetivo proposto, sabemos, pois que ação/aula se realiza com um propósito a aprendizagem do aluno. A proposta de explicar os operadores argumentativos torna-se inovadora para o ensino, pois nesta o aluno vê sentido em escrever/produzir um texto com a finalidade de aprender para participar dos certames nacionais.

À luz dessas observações, os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia, não são estáticos, fundem-se, misturam-se para manter a identidade funcional. Para Marcuschi (2005, p. 25) os gêneros “devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura”.

Visto isso, depreendemos que o sujeito (criador do texto) retrata seus ideais, ideias e concepções de mundo mediante sua integração no grupo social em que está inserido em determinada época.

Conforme (BAZERMAN, 2007, p. 170) “as teorias socioculturais enfatizam que a aprendizagem é constante, que cada interação é parte de uma história de aprendizagem e desenvolvimento”. Além disso, não somente as pessoas participam da atividade, mas também, as práticas, os textos, as instituições e outros artefatos que confluem para o desenvolvimento e aquisição do conhecimento.

Dessa maneira, a complexidade de comunicação dentro de formas reconhecíveis age no ambiente. Ao escrever, o aluno está aprendendo ma-

neiras de permanência dentro do modo específico do conhecimento em pauta. Assim, interage, age e escreve para se fazer entender e entender o outro.

Sendo assim, a competência do educador contemporâneo será obter e expressar conhecimentos em forma oral e escrita. Esse fato está em relação com o acesso e o aproveitamento que possa fazer do computador e das redes para obter o que necessita para suas atividades individuais ou coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo-SP: Cortez, 2007.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____; TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Texto e Coerência*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

_____. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, Acir; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs). *Gêneros Textuais Reflexões e Ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R.; BÉZERRA, Maria A. (Orgs). *Gêneros Textuais e Ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Programa de formação continuada “Teia do Saber” metodologias de ensino de língua e literatura – Ensino Médio*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.